

Partidos Nacionais e Candidaturas Estaduais

Por mais que se queiram disjunctar as várias questões que o eleitorado vai ser chamado a recolher no próximo dia 3 de outubro, por mais que elas de fato estejam sendo separadas para se recombinarem da mais diversa maneira, a verdade é que uma identidade profunda existe entre o problema político nacional e o problema político estadual.

Sabemos não haver ainda verdadeiros partidos nacionais e afirmamos serem eles impossíveis ou, pelo menos, muito instáveis e precários, enquanto conservarmos o atual regime presidencial. Mas isto não exclui a existência de uma estrita interdependência entre a política estadual e a política federal. Sem evidente e insanável contradição não se poderão adotar orientações diversas ou opostas, ao passar de um para outro âmbito da vida pública. E os partidos nacionais sómente poderão existir, na medida em que se verifique tal identidade fundamental de pensamento político.

E' o que, com meridiana clareza, se verifica quanto às candidaturas Eduardo Gomes, à presidência da República, e Edgar Schneider, ao governo do Estado. Quem, no Rio Grande do Sul, tiver conscientemente adotado a primeira, dificilmente poderá recusar o seu apoio à segunda. Gera-ram-se ambas na mesma matriz, embora uma seja da União Democrática Nacional e a outra pertença ao Partido Libertador. Para os Libertadores, tão libertadora é uma como outra, pois obedecem ambas à mesma inspiração. Para adotar a candidatura do Brigadeiro, não teve o Partido Libertador necessidade de negociar: aceitou-a simplesmente, aceitou-a tão natural e espontaneamente, como se do seu seio houvera surgido. Da mesma forma, udenista, como a do Brigadeiro, deveria considerar-se, no Rio Grande, a candidatura Edgar Schneider. Se Udenistas e Libertadores têm a mesma alta inspiração no âmbito federal, por que a trocarão no âmbito estadual? Se com o Brigadeiro queremos a regeneração da vida pública na Federação, por que a não havemos de querer também no Estado? Pretenderíamos restaurar o todo, que é o Brasil, sem restaurar a parte, que é o Rio Grande? Não sabemos se haverá quem possa responder satisfatoriamente a tais questões.

Inversamente, por que não votarão no sr. Cristiano Machado, em vez do Brigadeiro, os que se dispõem a votar no sr. Cilon Rosa? Haverá alguma diferença essencial entre as duas candidaturas? Claro é que não. São vinho da mesma pipa pessedesta, obedecem ambas à mesma inspiração utilitária. Se alguma distinção se pode estabelecer, é que o vinho da pipa local deve saber-nos mais azedo, que o da pipa mineira. E por que não votarão também no sr. Getúlio Vargas os udenistas (já se conhece pelo menos um) que preferem o sr. Ernesto Dorneles ao sr. Cilon Rosa?

Não há, pois, partidos nacionais. Não os há, nem os poderia haver, com tal falta de coerência ideológica. O que existe no Brasil, em grande parte por força do presidencialismo, são mosaicos de agrupamentos locais, diversamente combinados. Mas, apesar disto, deverá e poderá haver maior coerência de atitudes.